

Violência contra mulher: um fenômeno a ser combatido

<https://dx.doi.org/10.59068/24476137violenciacontramulher>

A violência contra a mulher, fenômeno antigo, mas que teima em se fazer presente em nosso meio a despeito de todo repertório ético, científico e jurídico que confere proteção a esse público, tem apresentado uma crescente em seus números nos últimos anos. Segundo pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), enquanto os números absolutos de 2015 contabilizavam 449 feminicídios, em 2022 foram registrados 1437 casos no Brasil (2023a). Apesar de todos os avanços de nossa sociedade, o modelo patriarcal, machista e misógeno, continua por tomar a mulher como objeto e propriedade, na intenção de governar seu corpo e desejo ao bel-prazer dos que se julgam seus senhores.

Os últimos anos contribuíram para essa alta, não apenas com o desmonte e a precarização de políticas públicas voltadas ao cuidado e acolhimento de vítimas de violência de gênero, como aponta o estudo do FBSP e Data Folha (2023b, p.08): “(...) em 2022 ocorreu a menor alocação orçamentária para o enfrentamento da violência contra mulheres em uma década. Sem recursos financeiros, materiais e humanos não se faz política pública.”

O estudo também indicou dois outros fatores que contribuíram para essa alta: a pandemia do coronavírus, e a circulação de discursos ultraconservadores. No que compete ao COVID-19, uma série de serviços foram afetados em suas funcionalidades e número de profissionais, limitando a chegada e acesso da população, sobretudo, das mulheres. O terceiro fator refere-se a permissão para que ideais retrógrados, até então criminalizados, retornassem abertamente ao centro da vida pública, impedindo que temas sobre igualdade de gênero e sexualidade pudessem circular no social. Assim, importantes pautas para o feminino foram impossibilitadas e seus defensores perseguidos (educadores, cientistas, religiosos, entre tantos outros). O crescimento do fascismo em todas as instâncias governamentais do país priorizou, inclusive, o trabalho como produtor de riquezas para a manutenção do capitalismo e para isso, o discurso do lugar das mulheres como reprodutoras e responsáveis pela harmonia do lar, voltou a tomar força e autorizar a violência contra elas. Essa perspectiva impõe, como único papel atribuído a elas, o cuidado ao bem mais valioso de seu modo de produção: a mão-de-obra, ou seja, os filhos.

Neste volume da Pathos, a significância do feminino nos visita, invade e emociona. Suas expressividades marcadas por luta, intencionalidade, inclusão e garantia de direitos, tomam as páginas de nossa revista. Trazemos o verbo tomar, pois entendemos que, infelizmente, ainda hoje, o feminino vive uma luta constante por igualdade de gênero. Dessa forma, o “tomar” passa a ser um ato de posicionamento ético-político, necessário e presente. Uma forma de conquistar e de alcançar para si aquilo que lhe é de direito. Um dos mecanismos de tal expressão, encontra-se marcado nessa reunião de textos, fazeres e saberes. Tal gesto vivo em forma de palavras e pesquisas, buscam de maneira direta e indireta desconstruir a ideia errônea da superioridade masculina, bem como a luta contra seus desfechos desastrosos e violentos.

Ainda vivemos uma guerra na desconstrução de tais valores, hoje postos, não apenas, de forma velada, perigosa, estratégica e sorrateira, mas também por narrativas explícitas, as quais teimam em deslegitimar a mulher.

Não há limite para os patéticos recursos da imaginação humana – sobre as outras pessoas. Daí a enorme importância para um patriarca que tem de conquistar, que tem de dominar, de sentir que um grande número de pessoas, a rigor, metade da raça humana, lhe é por natureza inferior. De fato, essa deve ser uma das principais fontes de seu poder (Woolf, 2004, p. 41).

Neste número, o feminino ocupa lugares distintos e expressivos, no sentido de trazer importantes contribuições para fortalecer a luta contra a violência de gênero. O primeiro texto, *“Uma política pública para mulheres vítimas de feminicídio tentado e familiares de feminicídio consumado - a experiência no centro de referência e apoio à vítima”*, apresenta relato e análise de experiência desenvolvida no Centro de Referência e Apoio à Vítima (CRAVI); O seguinte, *“Como se fosse da família: o luto não reconhecido de mulheres resgatadas do regime de trabalho doméstico análogo à escravidão”*, apresenta necessária e importante reflexão acerca das especificidades do luto decorrente das mudanças na vida das mulheres resgatadas de trabalho doméstico escravo; Adiante, *“A ressignificação do papel feminino na sociedade através dos contos de fadas ‘A bela adormecida’ e ‘Malévola’”*, propõe análise destes dois filmes, afim de pensar a arte como forte colaboradora para empoderamento das mulheres, desde a infância; O *“Empreendedorismo feminino nas periferias como luta pela igualdade social e de gênero”*, investiga como o empreendedorismo feminino das periferias reverbera na luta pela igualdade social e de gênero. Na sequência, o artigo intitulado: *“Alfabetização, letramento e ações sociopedagógicas como proposta de inclusão”*, encontramos o feminino interventivo, feroz e sobrevivente, marcado pelo desejo de proporcionar a garantia Paulo freirianamente do direito de se fazer parte por meio dos pressupostos da educação inclusiva.

Assim, compreendemos que combater o fenômeno da violência de gênero se faz com educação (de mulheres e homens), acolhimento (cuidados básicos e de saúde, sobretudo mental) e justiça (denúncia, proteção, efetivação da lei e respaldo legal). Desejamos boas leituras, reflexões e práticas em prol da luta contra violência de gênero e a favor de potentes e efetivas inclusões!

Os Editores.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023a). *Violência contra meninas e mulheres no 1º semestre de 2023*. <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/11/violencia-contra-meninas-mulheres-2023-1sem.pdf>

Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2023b). *Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil*. <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf>

Woolf, V. (2004). *Um teto todo seu*. Nova Fronteira.